

TRANSCRIÇÕES DE UM DEVIR: O PROCESSO GRUPAL

Maisa Mangela Gomes Cardoso
Fernando César Paulino-Pereira
Heitor Abadio Vicente

(Universidade Federal de Goiás, Regional Catalão – UFG/CAC)

Resumo

A intervenção de um profissional em Psicologia, inserido no contexto comunitário, é direcionada para os processos grupais, nosso objeto de investigação. Assim, este projeto tem como objetivo produzir condições necessárias para que o grupo “Promovendo a Saúde Mental” e seus integrantes sejam empoderados, fortalecendo os valores da democracia, da solidariedade e da justiça e, conseqüentemente, promovendo a sua ressignificação subjetiva e a do próprio grupo. Para isso, através de situações lúdicas, serão discutidos os seguintes assuntos: drogas, família, envelhecimento/envelhecer, o perder, os preconceitos. Como instrumento de coleta de dados foi utilizado entrevistas, oficinas em dinâmica de grupo e o diário de campo. Para análise recorreremos aos conceitos de grupo, processo grupal e às categorias sartreanas para análise do movimento grupal.

Palavras-chave: Psicologia; Processos grupais; Empoderamento; Identidade, Oficinas;

Abstract

Transcripts of a Becoming: The Group Process

The intervention of a professional in Psychology, inserted in the community context, is directed to the group processes, our object of investigation. Thus, this project aims to produce the necessary conditions for the group “Promovendo a Saúde Mental” and its members to be empowered, strengthening the values of democracy, solidarity and justice, and thus promoting their subjective reframing and the group’s. For this, by means of play situation, it will be discussed the following issues: drugs, family, aging/to get old, loss, prejudice. As a data collection instrument interviews, workshops in group dynamics and the field diary were used. For analysis, the concepts of group, group process and Sartre’s categories for analysis of group movement were used.

Keywords: Psychology; Group Processes; Empowerment; Identity; Workshops.

Palavras Iniciais

A Psicologia se produz em diversos contextos, apresentando em todos eles um compromisso social com seu público-alvo.

No contexto da Assistência Social as práticas psicológicas devem ser efetivas no processo de elaboração, planejamento e execução de políticas públicas, respeitando os recursos e processos psicossociais do

grupo assistido e favorecendo o processo democrático e emancipatório dos sujeitos envolvidos (CREPOP, 2008). Os pesquisadores da pesquisa aqui exposta foram inseridos no contexto supracitado e diretamente vinculados ao CRAS (Centro de Referência em Assistência Social) do município de Catalão - Goiás, onde se deu a pesquisa que neste originou.

Os participantes desse estudo tiveram oportunidade de acompanhar e atuar em um grupo – *Promovendo a Saúde Mental* – durante o período de um ano e meio, em cumprimento às exigências da disciplina de Estágio na ênfase de Processo Psicossociais do curso de Psicologia, vinculado à Universidade Federal de Goiás - *Campus Catalão*. O trabalho aqui exposto nada mais é que fruto das práticas das atividades realizadas para a disciplina em questão.

O grupo *Promovendo a Saúde Mental* foi criado no primeiro semestre de 2010, para atender um projeto de pesquisa desenvolvido por uma psicóloga do município, com duração prevista para seis meses. Nesse período, o grupo se reunia duas vezes por semana, as terças e quintas-feiras, para discutir duas temáticas, uma em cada dia, sendo elas drogas e depressão. Em cada encontro, além de palestras sobre tais assuntos, eram coordenadas brincadeiras e dinâmicas com

o intuito recreativo, de descontração e lazer.

Os encontros tinham a duração média de uma hora e meia, com a reunião do grupo na Casa da Sopa, no bairro Setor Universitário. Esse espaço foi construído no ano de 2006, através da arrecadação de doações e do retorno financeiro de bazares organizados pela comunidade local. Sob a coordenação de Célia de Fátima da Silva, a idealizadora do projeto, são ministradas oficinas de artesanato nas tardes de segunda e terças-feiras, e é distribuída uma sopa para a comunidade local.

Encerrado o projeto proposto pela psicóloga, o grupo, já consolidado, manifestou interesse em continuar recebendo apoio psicológico. Através do Centro de Referência em Assistência Social (CRAS) do município, este buscou auxílio, feito em parceria com o curso de Psicologia da Universidade Federal de Goiás Campus Catalão. Nesse sentido, a inserção dos pesquisadores foi pensada de acordo com os interesses, as demandas, as necessidades e expectativas dos sujeitos que integram o grupo, a fim de gerar as condições para que estes fossem capazes de autogerir suas vidas, tornando-os conscientes de sua condição enquanto sujeitos individuais e grupais.

Diretamente vinculados ao CRAS e inseridos no contexto comunitário buscou-

se compreender os carecimentos psicossociais atuantes no processo grupal do *Promovendo a Saúde Mental*. Nossas ações foram desenvolvidas e planejadas de acordo com as características e manifestações culturais, políticas, sociais, históricas, próprias desse grupo e de seus integrantes, respeitando os princípios norteadores da prática psicológica no CRAS sendo, dentre outros:

[...] Atuar baseado na leitura e inserção no tecido comunitário, para melhor compreendê-lo, e intervir junto aos seus moradores. Atuar para identificar e potencializar os recursos psicossociais, tanto individuais como coletivos, realizando intervenções nos âmbitos individual, familiar, grupal e comunitário. Atuar para favorecer processos e espaços de participação social, mobilização social e organização comunitária, contribuindo para o exercício da cidadania ativa, autonomia e controle social, evitando a cronificação da situação de vulnerabilidade [...] (CREPOP, 2008, p. 25).

Nesse sentido, optou-se por trabalhar com oficinas terapêutico-educativas, que através de situações lúdicas permitiram a discussão de temas do cotidiano desse grupo, tais como drogas, família, envelhecimento/envelhecer, a perda e os preconceitos.

Acreditando serem tais oficinas um mecanismo de intervenção psicossocial, potencializador das relações, da

movimentação e da atividade grupal, enfim, de todo o processo grupal subjacente ao grupo, capaz de promover o desenvolvimento de sua autonomia e emancipação social, utilizamo-nos destas como um facilitador para a nossa investigação e intervenção. Assim, o objeto de investigação do presente trabalho foi o acontecer, o processar grupal do grupo que, enquanto tal, foi analisado em consonância com as categorias sartreanas para análise do movimento grupal. Desta forma, foi permitido observar, identificar e intervir em sua dinâmica, em sua práxis e no seu movimentar-se, fosse ele de todo o grupo ou de seus integrantes dentro do mesmo.

A movimentação supracitada do todo é caracterizada pela caminhada do grupo em prol da sua emancipação, partindo da serialidade. A movimentação individual perfaz-se nos e pelos campos afetivos, valorativos e operativos. Ambas sujeitas aos carecimentos psicossociais do grupo, em um dado tempo, espaço e contexto social, cultural, religioso, político, formado e formador a que se submetem os indivíduos inseridos em um grupo, em uma sociedade.

A Psicologia possui uma vasta possibilidade de atuação sendo uma delas a intervenção comunitária. Enquanto tal possibilita desenvolver competências e

habilidades teórico-práticas para além das paredes da clínica tradicional, ampliando, por assim dizer, o horizonte de pesquisa e o campo de intervenção em Psicologia.

Inseridos nesse contexto social comunitário, constituído pelos mais variados tipos, singularidades, personagens, identidades e grupos, investigar os facilitadores bem como os entraves a sua existência faz-se necessário para a compreensão dos inúmeros modos de existir, vivenciar, experienciar e ressignificar os acontecimentos que perpassam a sua vida e a da comunidade social da qual fazem parte.

Nesse sentido, pesquisar o processo grupal é o meio através do qual aproximamos a Psicologia dos grupos populares, bem como o saber popular do saber científico, como um caminho possível à transformação da realidade social constituinte do grupo *Promovendo a Saúde Mental*.

Esta pesquisa teve como objetivo geral desenvolver condições necessárias para que o grupo “*Promovendo a Saúde Mental*” encontrasse caminhos autônomos em relação à produção de sua identidade, a sua movimentação e, conseqüentemente, a sua práxis.

Como objetivos específicos, pretende-se fortalecer os valores da democracia, da solidariedade e da justiça,

promovendo a ressignificação subjetiva dos indivíduos e do próprio grupo. Ainda como objetivo específico, intenta-se investigar a movimentação dos sujeitos nos campos afetivo, valorativo e operativo, bem como intervir a fim de propiciar melhor movimentação dos sujeitos no processo grupal.

O método utilizado para a realização desta pesquisa foi implementado em três momentos distintos. O primeiro desses momentos se consistiu na elaboração do projeto, o segundo na execução das atividades previstas e o terceiro e último sucedeu-se na análise e na discussão dos resultados.

Para a elaboração do projeto foram realizadas visitas à instituição-campo; leitura de referencial bibliográfico sobre a temática do estágio em Processos Psicossociais; entrevistas (semi-estruturadas) com os participantes do grupo *Promovendo a Saúde Mental*; observação-participante no ambiente e da dinâmica comunitária do grupo; oficinas terapêutico-educativas; e escrita do diário de campo, os quais eram analisados/discutidos fora do campo de observação, sob supervisão do professor-orientador responsável pela disciplina aqui mencionada.

As entrevistas foram utilizadas como instrumento facilitador neste

processo de descrição e compreensão das significações dos integrantes do grupo pesquisado. Para elaboração das questões semi-estruturadas da pesquisa bem como em sua execução, foi tomado por base os pressupostos de Boni e Quaresma (2005), uma vez que tais autores afirmam que:

[...] as entrevistas semi-estruturadas combinam perguntas abertas e fechadas, onde o informante tem a possibilidade de discorrer sobre o tema proposto. O pesquisador deve seguir um conjunto de questões previamente definidas, mas ele o faz em um contexto muito semelhante ao de uma conversa informal. (Boni & Quaresma, 2005, p. 75).

Sendo assim, as questões foram formuladas a partir da temática do trabalho. Dessa forma, os participantes foram perguntados sobre a organização, o surgimento e o funcionamento do grupo no qual se encontravam inseridos (Promovendo a Saúde Mental), bem como a representatividade do mesmo na vida de seus integrantes. Inseridos no grupo em análise deixamo-nos afetar pelos carecimentos do mesmo enquanto o observávamos. Como o próprio nome já diz, a observação participante é realizada em uma determinada situação, em que o pesquisador participa ativamente do processo observado, nesse caso o processo grupal.

A observação participante é sugerida por Spink (2007) como método de

pesquisa em Psicologia Social, pensando numa perspectiva de se pesquisar no cotidiano, buscando um posicionamento construcionista sobre o conhecimento em que prioriza os saberes locais. Considerando seu processo de formação, de estruturação e organização, e o cotidiano no qual se constituiu, foram propostas as oficinas em dinâmica de grupo como uma possibilidade de intervenção psicossocial nesse contexto social comunitário.

Por fim, para analisar e discutir sobre os resultados observados recorreu-se ao diário de campo, elaborado a cada visita, durante todo o período de estudo do grupo. A escrita do diário de campo permitiu, através da narrativa, (re) conhecer e (re)descobrir a situação, o momento grupal e individual do *Promovendo a Saúde Mental*, “[...] perceber as necessidades implícitas e explícitas, compreender as experiências daqueles personagens (que podem se apresentar fragmentadas, como pistas) [...]” (Pelissari, 1998, p.2), e também a comunicação.

Revisão de Literatura

Muitos foram os teóricos que se dedicaram a estudar grupos, foram escolhidos alguns deles para embasar

teoricamente o presente trabalho. Para a reflexão que será aqui desenvolvida, serão utilizados alguns dos conceitos desenvolvidos e trabalhados por Horkheimer e Adorno, Silvia Lane e Lucília Reboredo sobre essa temática.

Segundo Horkheimer e Adorno (1973), o grupo é mediador da relação estabelecida entre indivíduo e sociedade. Tal relação se constitui nas contradições e nos conflitos sociais, políticos, culturais, religiosos e históricos, tanto individuais quanto coletivos, por assim dizer dialética; como explicam os autores:

Na tensão entre o indivíduo e a sociedade, a divergência do universal e do particular implica, necessariamente, que o indivíduo não se insere de forma imediata na totalidade social, mas através de instâncias intermediárias. Estas instâncias intermediárias são as que se encontram abrangidas pelo conceito de grupo (Horkheimer & Adorno, 1973, p. 61).

Desse modo, estará imbricado nos grupos valores, afetos, preconceitos, juízos e identidades individuais, responsáveis pela movimentação de cada indivíduo no grupo e do grupo como um todo, como processo. Isso acaba por caracterizar cada grupo, cada indivíduo e cada sociedade em função das particularidades específicas do contexto social, político e histórico em que estão inseridos.

Por sua vez, é tal caracterização que possibilita compreender a formação, a transformação e a movimentação dos grupos dentro de uma sociedade. Cada grupo será único, singular, tendo em vista as variáveis e as contingências que permeiam sua formação. Assim, “[...] o próprio grupo só poderá ser conhecido enquanto um processo histórico, e neste sentido talvez fosse mais correto falarmos em processo grupal, em vez de grupo” (Lane, 1984 p. 81).

Compreender o grupo como processo – processo grupal – pressupõe uma investigação acerca dos interesses, expectativas e anseios de cada membro do grupo, bem como de seus processos constituintes (histórico, político, social). Para tal, devemos analisar como acontece a socialização do homem e como ele interioriza/exterioriza a realidade na qual está inserido.

De acordo com Lane, 1984, a socialização do homem acontece em dois momentos: primeiramente, ele assimila os hábitos e costumes de sua família, respeitando a classe social da qual esta participa. Em seguida, ele irá incorporar os aspectos institucionais e ideológicos da sociedade. Colocando-os ora como sujeitos de si mesmo ora como sujeitos massacrados, alienados. Enquanto sujeitos de si, interiorizam/exteriorizam a realidade

subjetiva, são cômicos de suas próprias representações e ações. Como sujeitos alienados, vivenciam a objetividade, sujeitando-se aos papéis sociais e normas já pré-determinadas.

Percebemos então, que o processo de formação do homem “respeita” os costumes e valores de uma sociedade, em um dado tempo e espaço, submetida a um contexto específico. Logo, o processo de formação grupal remete-se ao individual e vice-versa: “(...) toda análise que se fizer do indivíduo terá de se remeter ao grupo a que ele pertence, à classe social, enfocando a relação dialética homem-sociedade, atentando para os diversos momentos dessa relação” (Lane, 1984 p. 84).

À medida que essa relação indivíduo/sociedade acontece, o grupo movimenta-se. Ora em prol ao empoderamento dos sujeitos ora contra. Para melhor entendermos essa movimentação recorreremos às categorias sartreanas para análise do movimento grupal (Reboredo, 1995). Sendo elas: Serialidade, Fusão da Serialidade, Juramento, Organização, Fraternidade – Terror e Institucionalização.

Na Serialidade os indivíduos estabelecem relações entre si meramente figurativas, mantendo-se alheios ao mundo e as pessoas a sua volta. Não reconhecem no outro uma possibilidade e, sim um

entranço para sua realização pessoal. Um indivíduo em série “[...] vive plenamente a alienação, pois é um estranho de si mesmo e de sua natureza como ser genérico” (Reboredo, 1995, p. 86).

A movimentação, ainda se isolada, desse indivíduo é uma atividade, uma ação, é práxis. É a maneira pela qual o indivíduo retoma seu projeto individual e conhece a realidade, constata seu isolamento: “(...) o que gera um movimento de unificação das liberdades e, com ela, a relação de reciprocidade” (Peters; Paulino-Pereira & Soares, 2007 p. 6).

Unificadas as liberdades e os carecimentos radicais, os indivíduos superam a serialidade, passando à Fusão da Serialidade. A partir de então, o outro (TU) deixa de ser problema para o desenvolvimento de cada um (EU) e, todos (NÓS) reconhecem uns aos outros como possibilidades de mudança, de crescimento (Reboredo, 1995).

Nesse momento, o grupo ainda não está consolidado, no entanto, já compartilha de uma consciência comum em relação à importância de cada um e da responsabilidade que tem uns sobre os outros (Reboredo, 1995). Os sujeitos dessa relação, embora cômicos de si e dos outros, ainda enfrentam a tensão proveniente do momento passado: “[...] Neste sentido, o movimento grupal evolui

sob a tensão de pólos contrários: a dispersão, a alienação [...] e o grupo organizado que é a convivência comunitária” (Reboredo, 1995, p. 102).

Receosos em retornar à serialidade, à alienação, esses indivíduos, através do juramento, elaboram instrumentos que os assegurem enquanto grupo. Para isso, criam um estatuto comum a todo o grupo, atribuindo tarefas de acordo com as potencialidades de cada um. Enfim, eles vivenciam o compromisso, o sentimento de pertinência em relação ao grupo. Dentre os pontos que permeiam a obra da autora, vale enfatizar que:

Os elementos para a superação do Juramento estão dados [...]. A superação das contradições restritas aos conteúdos do estatuto leva os [indivíduos] a viverem o momento em que vão experimentar as contradições e à síntese da Organização (Reboredo, 1995 p. 105).

Na Organização os indivíduos, agora juramentados, reafirmam-se enquanto unidade comum, enquanto grupo organizado. Assim, “ao se vivenciar formas de vida comunitária na organização onde o Eu e Tu se dissolve (sic) no Nós facilitando a materialização de projetos individuais e coletivos, são engendradas contradições que expressam a Fraternidade Terror” (Reboredo, 1995 p. 115) A Fraternidade-Terror é um indicativo da

consolidação do grupo. É o momento em que seu estatuto é revisado, buscando impedir a dispersão, à volta à Serialidade, “[...] compreendido como o retorno do grupo ao projeto normativo das relações de seus membros, enfrentando, anteriormente, no Juramento” (Reboredo, 1995 p. 45).

Enquanto grupo organizado, os indivíduos convivem constantemente com a tensão de se dispersarem e terem seus papéis e funções sociais cristalizadas, burocratizando-se. Assim, o grupo movimenta-se em direção à institucionalização, que segundo Sartre (apud Reboredo, 1995) seria a morte do grupo. No entanto, Reboredo (1995) reconhece a Institucionalização como um momento reorientador das práxis desses indivíduos e do grupo como processo.

Embora pareça que esses momentos do processo grupal aconteçam isoladamente, cada um deles existe dentro do outro, trazendo em si a possibilidade de desenvolvimento e superação para o momento subsequente. Para Reboredo,

[...] Estes momentos ocorrem e se desenvolvem, chegando aos seguintes, somente se cada integrante e o grupo assumem e decidem alcançá-los. Cada momento consiste num conjunto de relações que dão sentido de criação ao grupo e portanto não são produto de implicações formais, mas de uma ordem imposta pela práxis humana (Reboredo, 1995 p. 38).

Continuando a análise, conclui-se que a movimentação grupal se constitui como processo fundamentado pela práxis, pelas significações e representações internalizadas desde o nascimento de cada indivíduo que participa e (re)conhece a si mesmo e ao outro como igual, ao mesmo tempo que o faz como diferente, estranho. Logo, a movimentação grupal implica em uma movimentação individual que acontece em três dimensões: afetiva, operativa e valorativa.

Ao movimentar-se dentro e entre essas esferas, o indivíduo é confrontado com todas as contradições, semelhanças e entaves decorrentes das relações estabelecidas com o grupo. Em consonância com os impactos e significados dessas relações produzidas e reproduzidas no grupo, os indivíduos vão elaborando e desenvolvendo suas identidades. Para Heller (1979) a identidade humana é construída a partir dos papéis sociais vivenciados e dos personagens encenados ao longo dos anos. Assim, a identidade é um processo de constante (re) criação, sujeito aos acontecimentos do cotidiano. É a somatória desses personagens e papéis resultantes “(...) de numerosos fatores da vida cotidiana dados já antes da existência dessa função e que continuaram a existir

quanto ela já se tiver esgotado” (Heller, 1979 p. 87).

Ciampa (2005) considera a identidade como algo que perpassa, que transborda o próprio indivíduo. Um devir que articula a igualdade e a diferença. Um modo de existência no qual os personagens ora sucedem-se, ora alteram-se, ora coexistem ora conservam-se.

Cada indivíduo encarna as relações sociais, configurando uma identidade pessoal. Uma história de vida. Um projeto de vida. Uma vida – que – nem – sempre – é vivida, no emaranhado das relações sociais. Uma identidade concretiza uma política, dá corpo a uma ideologia. No seu conjunto, as identidades constituem a sociedade, ao mesmo tempo em que são constituídas cada uma por ela (Ciampa, 2005 p. 127).

Esses aspectos do processo grupal são investigados pela Psicologia Social, podendo ser trabalhados através de oficinas, vivências. Essas técnicas são utilizadas para facilitar, conjuntamente, o processo de formação das identidades grupal e individual, caracterizando-se como um instrumento de intervenção psicossocial (Afonso, 2002). A elaboração, o planejamento e o desenvolvimento de uma oficina articulam-se em torno das demandas, interesses, expectativas e necessidades do grupo. Considerando o contexto de produção e os produtos das relações mantenedoras do mesmo. Assim,

Como instrumento de intervenção psicossocial, a Oficina precisa estar ligada a uma demanda de um grupo. Todavia, não se trata aqui, da mesma concepção encontrada na atividade clínica privada (...). Mas, falamos mais propriamente de uma situação que envolve elementos sociais, culturais e subjetivos e que precisa ser trabalhado em um dado grupo (Afonso, 2002 p. 31).

Articulando-se em torno das subjetividades e do cotidiano do grupo, as oficinas devem ser realizadas em comum acordo com todo o grupo, proporcionando a criação de um ambiente de discussão, reflexão, aprendizagem e aprendizado, e, de (re) elaboração acerca da movimentação grupal nos campos afetivos, valorativos e operativos.

Nesse contexto (de grupos), as oficinas são terapêuticas e educativas, uma vez que através delas aprende-se, ensina-se, e trabalha-se com os valores, afetos e relações já existentes e com aqueles que serão construídos ao longo do processo, através da linguagem (verbal ou não verbal) de cada grupo (Afonso, 2002).

Resultados e Discussão

O arcabouço teórico-prático da Psicologia possibilita a sua inserção em diversos contextos, como por exemplo, o comunitário. Neste, as ações norteadoras do trabalho do profissional em Psicologia

devem ser pensadas de acordo com as características e manifestações culturais, políticas, sociais, históricas, próprias desse ambiente e de seus habitantes.

Dessa maneira, as ações do psicólogo comunitário serão direcionadas para a práxis, para a ação e os processos grupais

(...) identificando os grupos como identidades que se desenvolvem dialeticamente no campo operativo e afetivo segundo a dinâmica das relações sociais e o cenário em que ocorrem, b) identificando fatores que interferem nas dimensões que compõem o movimento grupal; c) elaborando, organizando e lidando com instrumentos de intervenção que permitam trabalhar o processo grupal sob a ótica educativo-terapêutica; d) identificando a prática profissional como atividade facilitadora que deve contribuir para aperfeiçoar o processo grupal no âmbito operativo/afetivo em espaços comunitários (...) (Paulino-Pereira, 2006 p.5).

Inseridos na comunidade catalana, no Bairro Universitário, foram desenvolvidas, inicialmente, as seguintes atividades: dinâmica de apresentação; apresentação verbal do grupo sobre seus interesses e expectativas pessoais; e dinâmica para o autoconhecimento individual e coletivo. Com o relato verbal dos participantes foi possível ter acesso a informações sobre o surgimento, a organização e o funcionamento do grupo. Para conhecer cada componente, seus

interesses e expectativas em relação ao trabalho que foi desenvolvido ao longo do projeto, recorreu-se a dinâmicas de apresentação e, mais uma vez, ao relato verbal dos participantes, respectivamente.

Para apresentação foi utilizada a dinâmica Um carro, uma flor e um instrumento. Cada participante escreveu em um pedaço de papel, o nome dos objetos com os quais mais se identificam. Em seguida todos os papéis foram misturados e redistribuídos entre os participantes. Estes por sua vez deveriam adivinhar de quem era o papel em suas mãos e narrar como chegaram a essa conclusão.

A fim de conhecer a singularidade do grupo e de cada um dos seus membros utilizou-se a dinâmica chamada Anúncios classificados. Em dez minutos cada membro do grupo escreveu um anúncio, como os que se vê nos jornais, oferecendo-se para alguém ou alguma coisa. Depois os anúncios foram afixados na parede e, os participantes deveriam reconhecer uns aos outros, considerando os valores, preceitos, conceitos e preconceitos individuais. O mesmo foi feito para discutir as particularidades coletivas desse grupo, todos se reuniram e escreveram um anúncio do grupo Promovendo a Saúde Mental.

Ao final da atividade, algumas pessoas falaram da incompletude de seus anúncios, da dificuldade em explicitarem, uns para os outros, todas as suas particularidades e das transformações experienciadas ao longo dos dias que dificultam o (re)conhecer o outro, levando à reflexão sobre a construção da identidade do ser humano. Em relação a isso, uma participante do grupo trouxe o seguinte discurso: “O ser humano é como um camaleão, cheio de estratégias, que representa vários papéis ao longo de sua vida, de acordo com o que precisa, deseja e com o contexto em que vive” (cf. Diário de Campo, 09 de Novembro de 2010).

Reconhecer o ser humano como um camaleão é reconhecer-se como um devir permanente. Um ser em constante transformação, inacabado, que é produto e produtor de uma identidade, de uma história, de um tempo e espaço. Sendo assim, torna-se clara a evidência de que, por assim dizer, as identidades são construção social, é história, que “(...) no seu conjunto refletem a estrutura social, ao mesmo tempo que reagem sobre ela, conservando-a (ou transformando-a)” (Ciampa, 2005 P.171). Sujeito a constantes modificações e alterações ambientais, o camaleão nunca será o mesmo. Assumindo em cada momento de sua vida uma cor, um modo de existência, de sobrevivência

diferente. Assim como o homem, ora sendo autor ora ator de sua história; ora sendo representado ora representante de sua identidade.

Camaleando-se ao longo da vida, o homem assume inúmeros papéis sociais, encenados ou não simultaneamente. Modifica sua maneira de relacionar-se com e no mundo, transformando sua identidade e consciência, uma vez que “(...) à medida que vão ocorrendo transformações na identidade, concomitantemente ocorrem transformações na consciência (tanto quanto na atividade)” (Ciampa, 2005 P.186).

Embora os homens vivenciem um suceder-se, uma reposição ou uma conservação permanente desses papéis e personagens, jamais serão (re)conhecidos em sua totalidade. Ou seja, “(...) não há nenhum homem (nem nenhuma sociedade) que conheça ou seja capaz de conhecer o outro indivíduo em todas as suas relações, na totalidade de suas reações” (Heller, 1979 P.82).

Mais uma vez com o intuito de obter melhor conhecimento sobre o grupo, além dessa atividade, foi utilizada a técnica de Elaboração Gráfica Coletiva. O grupo foi subdividido em dois: o grupo 1 e grupo 2. O grupo 1 manteve-se sentado durante quase todo o tempo que durou a aplicação da técnica, utilizando apenas os materiais

que selecionaram no início da atividade e optaram em trocar de sistematizadora durante o processo, proporcionando uma maior participação de seus integrantes na elaboração do desenho. Enquanto o grupo 2 movimentava-se de um lado para o outro, buscando ter acesso aos materiais do outro grupo. No entanto, não fez rodízio entre os participantes para a função de sistematizador.

A representação de ambos os grupos contemplava todo o grupo Promovendo a Saúde Mental e seus integrantes, sem que nenhum tivesse posição de destaque em relação aos demais e dentro da constituição do próprio grupo, sugerindo a consciência que têm em relação a sua autogestão e autonomia. O grupo parece existir mesmo sem um dirigente, um organizador, um líder, no controle.

Ainda em busca de mais informações sobre a dimensão coletiva desse grupo recorreremos ao discurso verbal do mesmo sobre a importância deste para cada um e de cada um para o todo. Todos se julgaram importantes para a existência do grupo e vice-versa, desejando que os demais permaneçam no grupo e que o mesmo não se desfaça, como é possível notar na fala de um dos sujeitos aos dizer que:

O grupo não pode acabar. Aqui todos nós aprendemos e ensinamos através dos nossos próprios e dos problemas dos outros. Todos nós somos importantes, assim como a problemática de cada um. Precisamos é chamar mais gente para não deixar o grupo acabar (cf. Diário de Campo, 18 de Novembro de 2010).

A importância atribuída ao outro, à problemática alheia, sugere que o grupo *Promovendo a Saúde Mental* está superando o momento da Serialidade. Uma vez que todos são importantes para a manutenção do grupo e trabalham coletivamente para que o grupo não se desfça percebe-se o desejo comum (a continuidade do grupo) dos indivíduos responsável por impedir a volta à solidão, ao isolamento, a serialidade.

Nesse momento, o grupo começa a se organizar, a fundir, suas problemáticas em torno de um objetivo comum: impedir a fragmentação. Instaura-se o Nós, as relações de reciprocidade tornam-se frequentes, “(...) há a consciência da tarefa comum e da responsabilidade de cada um pelo outro” (Reboredo, 1995, p.99). Através dessas atividades iniciais buscou-se conhecer e fazer um levantamento prévio das demandas e necessidades desse grupo. Feito isso foi planejada e delimitada a intervenção nesse cenário, preservando, garantindo e promovendo as particularidades, as idiossincrasias

(individuais e coletivas) transpostas no decorrer da sua movimentação, da sua práxis, do seu processo grupal.

Objetivando mobilizar os afetos e os valores que atuam e interferem nas diversas situações de perda ao longo dos anos, foi criada uma situação em que apenas cinco pessoas, as mais importantes de acordo com o julgamento de cada um, teriam a chance de permanecerem vivas – vivência Como perdemos. À medida que a narrativa era contada, as pessoas faziam suas escolhas, escrevendo em um papel, em ordem de importância, o nome de cada um dos escolhidos.

Decidir as cinco pessoas sem as quais não viveriam foi difícil, no entanto, quando solicitados pelo coordenador da vivência, começaram a eliminá-las, uma a uma, muitos não sabiam o que e nem como fazer, dizendo: “Isso só pode ser piada. Não é justo” (cf. Diário de Campo, 07 de Abril de 2011). Quando pensaram estar sozinhos, tiveram a oportunidade de reaver aquelas pessoas, novamente uma a uma.

Em seguida, iniciou-se a discussão sobre o acontecido. Todos falaram como se sentiram em escolher, perder e reconquistar e quais critérios usaram para tomar as decisões exigidas pela atividade. O perder também foi trazido para outras dimensões como, por exemplo: o perder o emprego; um membro do corpo humano, a

condição socioeconômica e a perda experienciada pelos dependentes químicos.

Encerrada a discussão o grupo reconheceu que ao longo dos anos muitas pessoas, coisas e situações são perdidas em função de inúmeros fatores, além da necessidade de ter aceitação das coisas, dizendo: “Precisamos aceitar melhor as coisas, talvez nem toda perda significa perder. Às vezes ganhamos outras coisas com as perdas” (cf. Diário de Campo, 07 de Abril de 2011).

A temática das drogas e do álcool foi trabalhada através de *Role Play*. Dois subgrupos, de três pessoas, ficaram responsáveis pela elaboração de uma cena em que o cotidiano das pessoas, das famílias, que convivem com algum tipo de dependência fosse retratado. A formação de cada subgrupo foi feita de acordo com o interesse e a disponibilidade de cada um. No primeiro momento, as pessoas ficaram apontando uns aos outros, até que um dos integrantes apresentou-se para a atividade, levando os demais à organização proposta.

Cada grupo, à sua maneira, reproduziu de forma estereotipada o desespero dos adictos quando suas substâncias acabam e não têm como comprá-las; o impacto que a dependência causa na dinâmica familiar e a relação que esses estabelecem dentro e fora de casa. Essa técnica suscitou no grupo sentimentos

de impotência e revolta diante dos desdobramentos da dependência no meio de convivência social. A impotência e a revolta apareceram ligadas à incapacidade e à ineficiência das políticas públicas voltadas para o tratamento de adictos; aos danos provocados por essas substâncias químicas; e ao comodismo de muitas famílias em simplesmente “abandonar” seus usuários.

A dependência foi caracterizada por alguns como um mecanismo através do qual as pessoas se escondem de suas problemáticas e do mundo, atribuindo a responsabilidade de suas vidas ao outro. Uma verdadeira armadura que, como doença, deve ser tratada com respeito e durante todo o sempre. Enquanto outros a consideraram como desleixo, uma verdadeira indolência, evidenciando os preconceitos que atravessam suas identidades.

Para abordar os valores e preconceitos que atuam e interatuam nas e pelas relações grupais utilizamos a técnica do Abrigo Subterrâneo. Em uma situação hipotética de fim do mundo, de caos e destruição, apenas seis pessoas poderiam se refugiar em um único abrigo ainda existente. Dentre elas havia os mais diferentes tipos sociais: prostituta, doente mental, homossexual, religioso, narcótico etc.

Os mais escolhidos foram o violinista (40 anos), a menina com doze anos e baixo nível mental, o homossexual, o ateu e o advogado e sua esposa, recebendo de seis a cinco votos cada um, respectivamente. Enquanto explicitavam suas escolhas explicavam o porque das mesmas. O homossexual, o narcótico e a prostituta por representarem a classe dos menos favorecidos, precisavam permanecer no mundo para continuar lutando contra o preconceito e terem seu reconhecimento social.

O religioso, já velho, representava a única salvação para o ateu e os demais sobreviventes. O advogado e sua esposa, jovens, seria os responsáveis por repovoar o mundo com seus possíveis filhos. E a menina em decorrência do seu problema precisava ficar para ser ajudada. Aqui percebemos, nitidamente, que as escolhas foram feitas em função dos elementos sócio-históricos preconizados pela sociedade em que vivemos, como por exemplo: o combate à homofobia e a dependência química, o cuidado em relação aos idosos e adolescentes e a importância atribuída à religiosidade.

Depois que justificaram suas escolhas, eles foram levados a pensar se realmente os critérios utilizados para as mesmas eram suficientes para excluir alguns em detrimento de outros, e como se

sentiram em segregar o grupo em questão. Em relação aos aspectos considerados preponderantes para suas opções, disseram que talvez não fossem os mais adequados, no entanto, mesmo sabendo que todos mereciam uma chance de permanecer precisavam optar por apenas seis.

Embora todos sejam iguais, segregar e excluir as pessoas, em análise, desterritorializou a identidade individual e grupal do *Promovendo a Saúde Mental*, uma vez que as particularidades delas são contrárias ao padrão de normalidade esperado socialmente. “No meio em que vivemos é difícil escolher entre os tipos apresentados. Eles esbarram nos nossos costumes, crenças, valores e preconceitos” (cf. Diário de Campo. 10 de Maio de 2011).

De acordo com o grupo, mesmo diante da diversidade, das diferenças sociais, a problemática do outro não deve ser tratada de forma isolada, individualmente, pois, são elas que possibilitam a superação dos entraves para o desenvolvimento e a (re) elaboração do projeto pessoal de cada um e do grupo. Observou-se que os preconceitos carregam em si aspectos do cotidiano, constituindo-se como uma ideia fixa, incapaz de se modificar mediante as transformações e (re) construções sociais, ideológicas e subjetivas experienciadas nas relações

indivíduo/sociedade. Essa rigidez foi apontada pelo grupo como um obstáculo para o seu desenvolvimento.

Reconhecendo, diante disso, a necessidade de abandonar todo e qualquer tipo de preconceito como forma de favorecer e potencializar, a execução e a evolução de seus projetos e de suas práxis. Em outras palavras: “(...) Quem não se liberta de seus preconceitos artísticos, científicos e políticos acaba fracassando, inclusive pessoalmente” (Heller, 1979 P.43).

O envelhecimento/envelhecer foi discutido com o grupo através da elaboração de um desenho, no qual cada um se retrataria no futuro. Em seguida, apresentaram-no uns para os outros. Alguns se retrataram como flores em meio a um jardim ou sozinhas, alegando a beleza e a tranquilidade transmitida pelas rosas. Outros estavam com cabelos já grisalhos junto à família ou solitários em meio à natureza.

Observando que a família ora se fez presente ora não, foram perguntados se a mesma era importante nessa fase da vida e afirmaram que sem a família a velhice fica muito “triste” e “sem graça”. Nesse momento, lembraram-se do abandono e do descaso sofrido por muitos idosos esquecidos em abrigos, apontando-o como uma das desvantagens de envelhecer.

Enumeraram outras desvantagens como o aparecimento de rugas e de doenças características da idade e a falta de respeito. De acordo com o grupo, a velhice muitas vezes significa a desvalorização do homem, uma vez que parecem passar despercebidos pelo restante da sociedade: “É como se tivéssemos perdido a nossa importância. Como se tudo que sabemos fosse bobagem” (cf. Diário de Campo, 09 de Setembro de 2011).

Devido ao avanço da tecnologia e da ciência o envelhecer foi apontado como uma faz mais fácil de lidar, quando comparado com o vivido na época de seus pais. O acesso à saúde, embora restrita a muitos, propicia uma melhor qualidade de vida e uma maior expectativa de vida. Para eles, envelhecer também tem seu lado bom, é um momento em que se aposentam e dedicam-se aos netos, aos amigos. É a fase da vida em que têm preferência nas filas e, um conhecimento amplo, adquirido com o passar dos anos.

Com todas essas atividades, buscou-se investigar e intervir sobre os processos e recursos psicossociais do grupo *Promovendo a Saúde Mental*, a fim de promover a sua emancipação e a de seus integrantes. Para isso, mantemos nossa atuação/intervenção pautada sobre três pilares: a práxis, a movimentação grupal e os processos grupais, sem dissociá-los dos

carecimentos característicos de seus membros e do ambiente no qual está inserido.

Considerações Finais

A inserção da Psicologia no contexto comunitário é permeada por inúmeros desafios, como por exemplo, planejar e executar ações que possibilitem a desalienação sem desconsiderar o saber popular que atravessa a organização dos sujeitos e dos grupos dos quais os sujeitos fazem parte. Sendo, portanto, indispensável uma ampla investigação acerca de seus carecimentos psicossociais.

Nesse sentido, o grupo, formador e formado pelas relações sociais, está sujeito às transformações ideológicas, políticas, temporais, históricas e culturais experimentadas pelos homens ao longo dos tempos, caracterizando-se como processo grupal. Enquanto tal apresenta-se em um constante movimentar-se, como um devir dialético e permanente.

Durante todo o processo terapêutico-educativo desenvolvido deixamo-nos fazer grupo, viver com e junto ao mesmo, favorecendo o reconhecimento dos mecanismos constituintes, constitutivos e constituídos desse processo grupal, bem como a aproximação entre conhecimento científico

e popular, direcionados para a sua transformação social. Ou seja, é no campo de atuação que os conhecimentos, juntamente, são aplicados para que seja possível conseguir a (re) produção de ações mais autônomas e conscientes e, conseqüentemente, menos alienadoras.

O constante movimentar-se, o *camaleiar-se*, do grupo *Promovendo a Saúde Mental* foi significado de acordo com os seus dilemas e suas manifestações, exteriorizadas e interiorizadas durante a sua formação. À medida que o grupo se processava, seus participantes tornavam-se cômicos de sua importância e do seu papel dentro do grupo e da representatividade deste em suas vidas, direcionando sua atividade, sua práxis em prol da sua emancipação, sugerindo o seu empoderamento e o de seus participantes.

Através da utilização de vivências e oficinas em dinâmica de grupos foi possível intervir no processo grupal desse grupo, mobilizando-o em suas esferas operativas, valorativas e afetivas, de modo a constatar sua atividade, sua movimentação, sua práxis-processo em direção à transformação de sua realidade alienada e alienante. Contribuindo, por assim dizer, com o seu processo organizativo, com sua manutenção, fortalecendo os valores da democracia, da solidariedade e da justiça e,

consequentemente, promovendo sua ressignificação subjetiva bem como a dos indivíduos que dele fazem parte.

Assim, de forma contextualizada e significativa todas as nossas ações foram pensadas, planejadas e executadas sob uma perspectiva materialista histórica dialética. Considerando o grupo como um processo dinâmico, multidimensional, sujeito aos

atravessamentos outros que possibilitam a elaboração, a desterritorialização, e o constante refazer de papéis sociais, preconceitos, ideologias e identidades, construídas nas e pelas relações diversas estabelecidas entre indivíduo/sociedade, num dado tempo, espaço e contexto social formador.

Referências

Afonso e (Org) (2002). *Oficinas em Dinâmica de Grupo: um método de intervenção psicossocial*. Belo Horizonte. Edições do Campo Social.

Boni, Valdete & Quaresma, Silva Jurema (2005). Aprendendo a entrevista: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. *Rev. Eletrônica dos Pós-graduandos em Sociologia Política da UFSC*; vol. 2 nº 1 (3): p. 68-80.

CREPOP - Centro de Referência Técnica em Psicologia e Políticas Públicas. *Referência técnica para atuação do(a) psicólogo(a) no CRAS/SUAS/ Conselho Federal de Psicologia (CFP)*. Brasília, 2008 [acesso em 10 de maio de 2011]. Disponível em: <http://crepop.pol.org.br/novo/wp-content/uploads/2010/11/referenciascras.pdf>

Ciampa, Antônio C. (2005). *A Estória do Severino e a história da Severina: um ensaio de Psicologia Social*. São Paulo, Brasiliense (Livro III).

Heller, Agnes (1979). Sobre os papéis sociais. In: *O cotidiano e a História*. Rio de Janeiro, Paz e Terra.

Heller, Agnes (1979). Sobre os preconceitos. In: *O cotidiano e a História*. Rio de Janeiro, Paz e Terra.

Horkheimer, M & Adorno, T.W (1973). O Grupo In: *Temas Básicos da Sociologia*. Ed. Cultrix. São Paulo.

Lane, S. (1984). O Processo Grupal In: *Psicologia Social: O Homem em movimento*. Brasiliense. SP.

Peters, Salete; Paulino-Pereira, F. C. & Soares, Sandra Regina (2007) . Intervenção em Processos Grupais e a Questão da Identidade de Adolescentes em Situação de Pobreza. *Revista Travessias: pesquisa em Educação, Cultura, Linguagem e Arte*, v. 1.

Paulino-Pereira, F. C. (2006). *Ação do psicólogo na comunidade: reflexões sobre teoria e prática*. (texto impresso).

Pelissari, M. A. (1998). O Diário de Campo como Instrumento de Registro. *Apontamentos para aula*.

Reboredo, L. A. (1995). As Categorias Sartreanas Para A Análise do Movimento Grupal. In: *De Eu e Tu a Nós: O grupo em movimento como espaço de transformação das relações sociais*. Unimep: SP.

Reboredo, L. A. (1995). O Grupo em Movimento e o Espaço para Transformação do Eu e Tu em Nós. In: *De Eu e Tu a Nós: O grupo em movimento como espaço de transformação das relações sociais*. Unimep: SP.

Spink, Mary Jane P (2007). Pesquisando *no* cotidiano: recuperando memórias de pesquisa em psicologia social. *Rev. Psicologia & Sociedade*; 19(1): 7-14.

Autores

Maisa Mangela Gomes Cardoso: Psicóloga pela UFG/CAC (Universidade Federal de Goiás Campus Catalão).

Fernando César Paulino-Pereira: Doutor em Psicologia Social pela PUC-SP (Pontifícia Universidade Federal de São Paulo); Professor Adjunto na UFG/CAC (Universidade Federal de Goiás Campus Catalão); Membro da ABRAPSO (Associação Brasileira de Psicologia Social). Epifania.cps@gmail.com

Heitor Abadio Vicente: acadêmico de Psicologia na Universidade Federal de Goiás – Campus Catalão; bolsista Prolicen da UFG. heitor.abadio@hotmail.com